

A EVOLUÇÃO SOCIAL DO ADOLESCENTE

Marlene Vaz

Convido-os a rastreamos a *evolução social* do adolescente, com a ajuda de vários pensadores. Iniciemos pelo Império Romano, onde uma menina aos 12 anos começava sua idade núbil sendo *oferecida* ao acordo matrimonial, para aos 14 anos ser entregue, pelo pai, ao marido (ou seu novo dono), com a norma explícita de ser *pudica* e sua função social encerrava-se na *procriação*. Por sua vez, o menino abastado era entregue ao chicote dos educadores *para adornar o espírito*, instruindo-se nas letras. Quanto aos espaços gregos, preparava-o para a política. Aos 12 anos, encerrava-se a educação elementar do menino, quando recebia as vestimentas de um adulto para fazer o que quisesse. Não havia a maioridade legal, mas aos 16 anos poderia optar pela política ou ocupar cargos de decisão, inclusive cargos de polícia onde constam registros de atos de maldade cometidos pelo adolescente menino contra os subordinados. Em Éfeso, os médicos Celso e Rufo prescreviam ginástica e filosofia para que os meninos perdessem a *energia venérea*, porque, segundo eles, a masturbação reduzia as forças e antecipava a puberdade. E para as meninas, a primeira *regra* ou menarca determinava sua primeira relação sexual. Contudo, o homem não deveria amar a menina-esposa, deveria apenas engravidá-la, pois cairia numa dolorosa escravidão, enquanto que os meninos proporcionavam um *prazer tranquilo*, por isso, feitos para serem *amados*... E no que se referia ao menino pobre, só havia um dever: trabalhar desde muito pequeno.

No Período Helenístico, no Reinado de Justiniano, os meninos bem nascidos eram enviados ao foro para conviver com seus pares e aprender a etiqueta social. Esta época foi caracterizada pelos grandes médicos e uma população historicamente hipocondríaca. A relação saúde e conduta pública estabeleceram que o corpo do adolescente precisava ser contido.

Início da Idade Média, o cristianismo suprimiu o sexo do adolescente. Surge a filosofia monástica, tanto para os meninos como para as meninas, cuja idéia de mortalidade era asfixiada pelo temor a Deus. Em Bizâncio, apesar de seus antecedentes gregos, não havia a moderação helênica e nos séculos X e XI, chegaram ao extremo de castrarem meninos para seguirem a carreira religiosa - era a laceração da carne do adolescente. Inúmeros meninos fugiam e formavam bandos nos arredores da pólis. Por sua vez, as meninas

descobriram que fazendo os votos de castidade, preconizada pela escola de Florença, conseguiam libertar-se do jugo do pai e do homem a quem era prometida, pagando esta *independência* com uma *vida regular e casta* nos conventos. As mudanças religiosas da época não atingiram as meninas, pois continuava valendo a receita de um dos pais da igreja, Jerônimo, isto é, se a mulher era para a procriação, era, portanto diferente do homem, mas se *quisesse servir a Cristo, sem sexo e sem corpo, então passaria a ser considerada como homem* (Salisbury). Além disso, um dos pensadores da igreja, talvez o maior, Agostinho, determinou que para entrar no convento a adolescente deveria fazer o voto de pobreza, abrir mão do seu dote e de tudo, inclusive de suas roupas íntimas, pois tudo passava a ser dividido com as demais adolescentes castas, de forma que as adolescentes não substituíssem o prazer do sexo pelo prazer dos bens materiais. A adolescente *virgem independente* era um *homem assexuado*, confinada até a morte na cela do mosteiro.

Na Alta Idade Média, os filhos eram educados no campo, longe dos pais, porque os vencedores de guerra estupravam e matavam os adolescentes nas cidades. Esta é a época dos mártires, dos santos adolescentes.

Na Renascença, os púberes foram confinados em colégios e conventos, onde tinham que assistir missas, confessar os pecados para a comunhão, orar para ter uma *boa reputação* e praticar o exercício dos discursos eclesiásticos.

A Modernidade trouxe a postura do corpo, e o adolescente aprendia lições de comportamento, chegando até mesmo ao detalhe de se medir que medir a distância do braço em relação à folha de papel, quando fosse escrever. Surge a prática da leitura silenciosa e o livro tornou-se um amigo privado, propiciando o surgimento da literatura erótica, tão ao gosto da curiosidade púbere! Um monge escreveu “Da Disciplina”, para adolescentes, surgindo então nas escolas a disciplina Civilidade, uma mistura de educação religiosa e cívica. Esta pedagogia do comportamento era fundada num sistema autoritário de repetição e obediência para *domar o espírito*. Sabe-se que a adolescência constitui a fase dos sonhos. Porém, os sonhadores eram considerados suspeitos, porque sonhar era considerado um mal e o corpo era massacrado para não cair em pecado. Erasmo redigiu: “urinar é sadio, mas não se deve mostrar as partes pudendas; quando trocar a roupa, sozinho, o corpo não deve ser olhado, mas preservado com pudor e vergonha”. Seus seguidores escreveram um rígido tratado normatizando o comportamento do

adolescente à mesa, justificando: “podes bem crer, é por tua conduta (à mesa) que irão condenar-te ou louvar-te” (Elias). Produziram-se adolescentes rígidos e controlados, *porque civilidade é o que resta quando nada se aprende* (Ariès).

A Revolução Francesa trouxe o *pátrio poder* na letra do código civil. Surge a figura do pai triunfante e dominador. Segundo Proudhon e Marx (até tu Marx?) os filhos deveriam ser amados sem excessos! Era a época do amor paternal contido.

O século XIX colocou o filho homem no centro das atenções, o herdeiro para servir a pátria, encontrando-se relatos deste tipo: “Meu pai não me amava como indivíduo, mas como o futuro da nação”. A menina, sendo filha única, teria que *progredir como um menino* e ainda assim dificilmente seria considerada como um prosseguimento da família a menos que parisse um neto varão, entregando a pátria um produtor, cidadão e soldado de amanhã. Para que serviriam as meninas se não poderiam ser soldados? (Ariès). Estadistas, partidos políticos, médicos, pedagogos, a família, ou seja, tanto o poder do Estado como a sociedade civil disputava o adolescente que se transformou numa zona de choque entre o público e o privado. A educação molda o filho viril, carregada de violência física, surrando-o e justificando: “serás um homem meu filho” (Ariès). Revoltados, os adolescentes vestiram-se de preto, o luto como protesto.

A Revolução Industrial trouxe uma descoberta: os médicos admitiram que a puberdade era um período crítico, mas o sistema econômico empurrou-os para as fábricas. Em 1841, proibiram-se os castigos físicos e instituiu-se a pedagogia de *tocar a alma* do adolescente, embora as escolas católicas fossem as últimas instituições a abolirem a palmatória. E, quanto ao trabalho, data de 1842 o labor de meninos nos subterrâneos das minas de carvão da Inglaterra. *Com a pele manchada de preto pelo carvão, também estavam de luto pela exploração através do trabalho.* (Psicanalista Fábio Adamo).

No final do século XIX, as mães desabafaram - não sabiam como educar os filhos. Todavia, Freud construiu a psicanálise tranqüilizando-as: não adianta se angustiar, *porque faça o que fizer sempre terá agido mal* (Ariès).

Mesmo no século XX, pouco se sabe sobre a sexualidade do adolescente, mas continuam sendo educados com marcantes papéis de diferenciações

sociais de gênero - o menino é o *caçador* e a menina é a *caça*, sendo que a menina é destinada a administrar a dualidade de ser submissa e ao mesmo tempo dizer **não** à investida do atacante. No Brasil, em 1990, substituiu-se a doutrina de *conduta irregular* pela *doutrina da proteção integral*. Todavia, em 1996, um juiz do Supremo Tribunal *promoveu* à senhora uma menina de 12 anos, responsabilizando-a por manter relações sexuais com um adulto. E um significativo contingente de adolescentes brasileiros, por não receberem seus direitos de cidadãos, *são afastados* das normas, mais comumente pelas causas da pobreza e/ou dos maus tratos e do abuso sexual, sendo encontrados nas ruas, vítimas do aliciamento de quadrilhas, de exploradores sexuais, de traficantes de drogas, de assassinato por grupos de extermínio; outro tanto, para sobreviverem, são explorados através de trabalho inadequado; aqueles de classe média vivem a dúvida de, a cada dia, não saber se poderão continuar na escola; os mais aquinhoados ou os que tiveram direito de ter direitos alimentam-se com fartura, freqüentam uma escola particular de qualidade, vão ao shopping onde desenvolvem um relacionamento de *ficar*, porque namoram mesmo é via Internet. Vivemos hoje *numa sociedade que já não suporta pacificamente estas diferenças sociais* (Bolívar Lamounier). Alerta-se, porém que, meninas de classe média também estão se prostituindo em troca de roupas de grifes famosas, porque a mídia apropriou-se do corpo da adolescente vendendo-o como o produto mais caro, seminu ou vestido nos padrões da moda das novelas de televisão e a sociedade culpando as meninas por serem sensuais, em lugar de captar um sintoma de insegurança; que há adolescentes drogados em todas as classes sociais; que as adolescentes padecem pela gravidez precoce; que o adulto nada sabe sobre seus desejos e sexualidade, porém inventou nos anos 90 a imposição do gozo, de aproveitar tudo o que a sociedade de consumo determina; e o que não consegue gozar, mercadorias, ascensão social e o erotismo, transfere a responsabilidade para os filhos, *chocando-se a meia idade com adolescência* (Verônica Coates). E nesta obrigação de gozar todos os prazeres ditados pelo marketing, pela expectativa e incitação dos pais, “você tem que ir além do que eu pude ir”, é que os adolescentes precisam cheirar cada vez mais fileiras e fileiras de *pó*, de experimentar excitação, tensão e tentativas frustradas de alívio no sexo, de roubar e assassinar para ser o herói da mídia, cuja história de violência é tatuada na pele, garantindo o registro no único bem de sua propriedade ou a *representação do seu ego* (Stela Santana). Ou ainda, suicidando-se para livrar-se da ditadura do gozo...

Michel Foucault dizia que em relação a nossa sexualidade estamos com um pé no século XX e outro no século XIX. Seguramente, no século XXI, continuamos *romanos* no trato para com os nossos adolescentes.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe e DUBY Georges – História da Vida Privada – 1990

MACMULLEN, R. – Roman Social Relations – 1974

ELIAS, Norbert – O Processo Civilizador – 1968

AGOSTINHO – Confissões - 1969

Nome do arquivo: A Evolução Social do Adolescente
Pasta: C:\Site Ação Justiça\textos\DOC
Modelo: C:\WINDOWS\Application Data\Microsoft\Templates\Normal.dot
Título: A EVOLUÇÃO SOCIAL DO ADOLESCENTE
Assunto:
Autor: aa
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 25/05/01 15:39
Número de alterações: 2
Última gravação: 25/05/01 15:39
Gravado por: Oxala
Tempo total de edição: 1 Minuto
Última impressão: 25/05/01 15:40
Como a última impressão
Número de páginas: 5
Número de palavras: 1.510 (aprox.)
Número de caracteres: 8.609 (aprox.)